

A CIDADE: SEUS FIXOS E SEUS FLUXOS ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

DANIEL RODRIGUES MOURA¹; JULIANA CORRÊA HERMES ANGELI²
CLÁUDIO TAROUCO DE AZEVEDO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – daislumoura@hotmail.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas - julianaangeli@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – claudiohifi@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este ensaio trata de uma pesquisa que está sendo cultivada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, na linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. O projeto “A Cidade: seus fixos e seus fluxos através da fotografia” tem por tema a cidade de Pelotas, seus fixos e seus fluxos, ou seja, aquilo que nela está em constante movimento e que se relaciona com seu espaço urbano construído. Este espaço é um contexto complexo no qual ocorrem interações diárias e constantes, no qual fluxos e fixos dialogam (EICHEMBERG e BARBIERI, 2004). O projeto de pesquisa teve início na graduação a partir da minha poética pessoal em fotografia (Fig. 01). Desde lá, procuro refletir sobre o aceleramento da vida cotidiana que afeta nossa percepção do mundo. Segundo Nelson Brissac Peixoto em seu livro *Paisagens Urbanas* “(...) o olhar contemporâneo não tem mais tempo (...)” (2003, p. 209). Refletindo sobre o pensamento do autor, acredito que na correria do nosso dia-a-dia deixamos de enxergar as coisas simples, como olhar para a cidade pulsante e que pede para ser observada. Com a rotina e com o passar do tempo, nosso olhar já não se fixa mais na cidade, somos apenas passageiros anestesiados pelo tempo. O olhar não fixa, só absorve o que é necessário e às vezes o que não é, mas que a sociedade de consumo quer nos fazer pensar que seja. A sociedade está cada vez mais deixando de perceber a simplicidade da vida. O visível está se tornando invisível. Gestos, olhares, cidade e o cotidiano que nos cerca, imagens do dia-a-dia estão se tornando cada vez mais efêmeras. Reflexo do tempo que escorre com a pressa da vida contemporânea e vai tornando invisível ao nosso olhar. Visto, mas não percebido.

Estaríamos anestesiados a ponto de não percebermos nosso entorno? De que forma a fotografia poderia contribuir para meu olhar sensível e estimular novos olhares sobre esses espaços?

Esta pesquisa é uma reflexão sobre os processos de instauração da obra, a partir do que move meus questionamentos e sobre as relações que se estabelecem no espaço urbano, entre seus espaços e seus habitantes.

Para isso as fotos realizadas utilizarão um longo tempo de exposição¹, com o objetivo não de congelar o fluxo de pessoas, mas sim de condensar, em um frame, um fluxo de tempo do que se desenvolve em tais espaços. Os resultados não são nítidos, pois tudo que se move, transforma-se em um borrão e somente os fixos podem ser visualizados. Estes procedimentos criam por vezes espaços habitados por sombras e vultos, espaços urbanos do dia-a-dia, habitados, mas

¹ Tempo de exposição: É o processo em que a luz que reflete de um tema passa por uma abertura na lente da câmera em direção ao sensor, por um determinado período de tempo.

não vividos. Povoados por espectros que não observam o local, apenas passam por ele e o transformam em um não-lugar.²

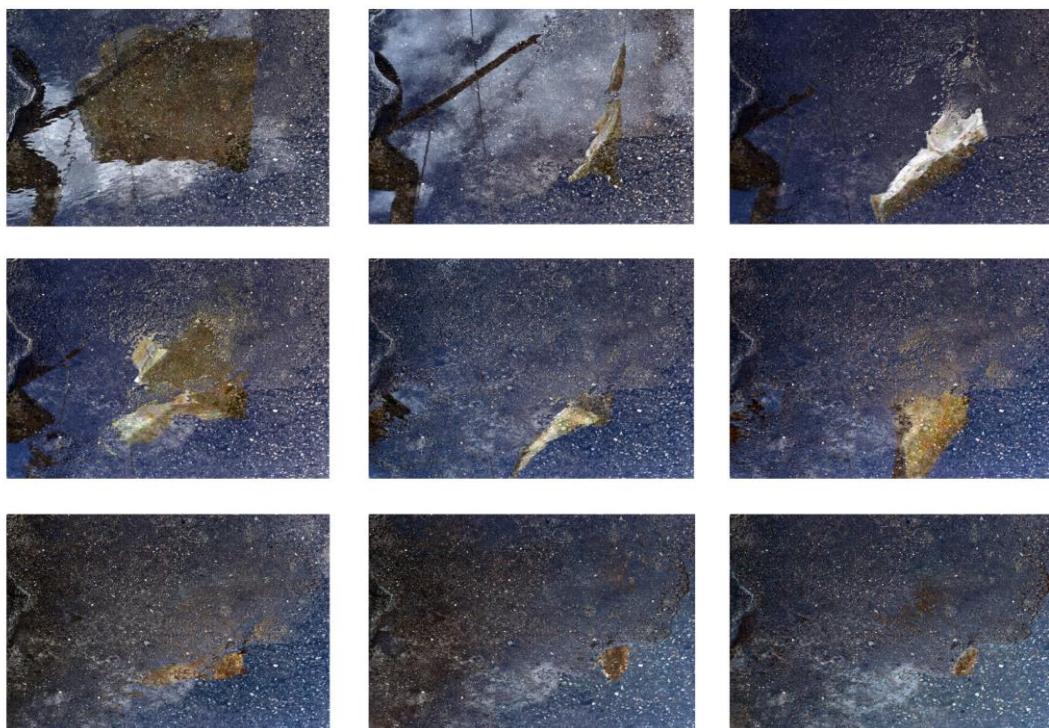


Figura 01 – Daniel Moura, *TempoReflexo2*, vídeo, 2014, duração: 00:00:44

2. METODOLOGIA

A pesquisa está sendo realizada sobre o espaço urbano em que vivo há mais de 40 anos, a cidade de Pelotas, principalmente em lugares de grande movimento. Refletindo sobre o aceleramento da vida cotidiana em que, a cada dia que passa deixamos de perceber o que nos cerca. Mesmo em uma caminhada no final dia, estamos pensando em tarefas que temos que realizar em casa, no emprego e nos estudos.

Essas imagens serão realizadas com intuito de obter rastro de movimento, utilizando velocidade do obturador³ lenta, com o objetivo de não congelar o movimento. Para isso, a câmera fotográfica precisa ser colocada em um tripé e conto com o auxílio de um disparador automático. A câmera fica posicionada em um ângulo que enquadre as pessoas que passam pelo local escolhido. As capturas das fotografias serão realizadas com alguns segundos de intervalo entre uma imagem e outra.

Após a obtenção das imagens, através da edição com um programa de computador, busco enfatizar o aspecto de fluxo de tempo e dos fluxos da cidade, sobrepondo as várias fotos obtidas. Assim, cria-se imagens em que uma mesma pessoa, embora tenha sido registrada em movimento, se repete. Também são

² O termo não-lugar é descrito por Marc Augé como os locais onde transitamos e não criamos vínculos.

³ Velocidade do obturador: Controla o tempo em que a luz passa através da lente em direção ao sensor.

realizados ajustes na opacidade de algumas imagens, que aos poucos revelam imagens de várias camadas que se misturam (Fig. 02).

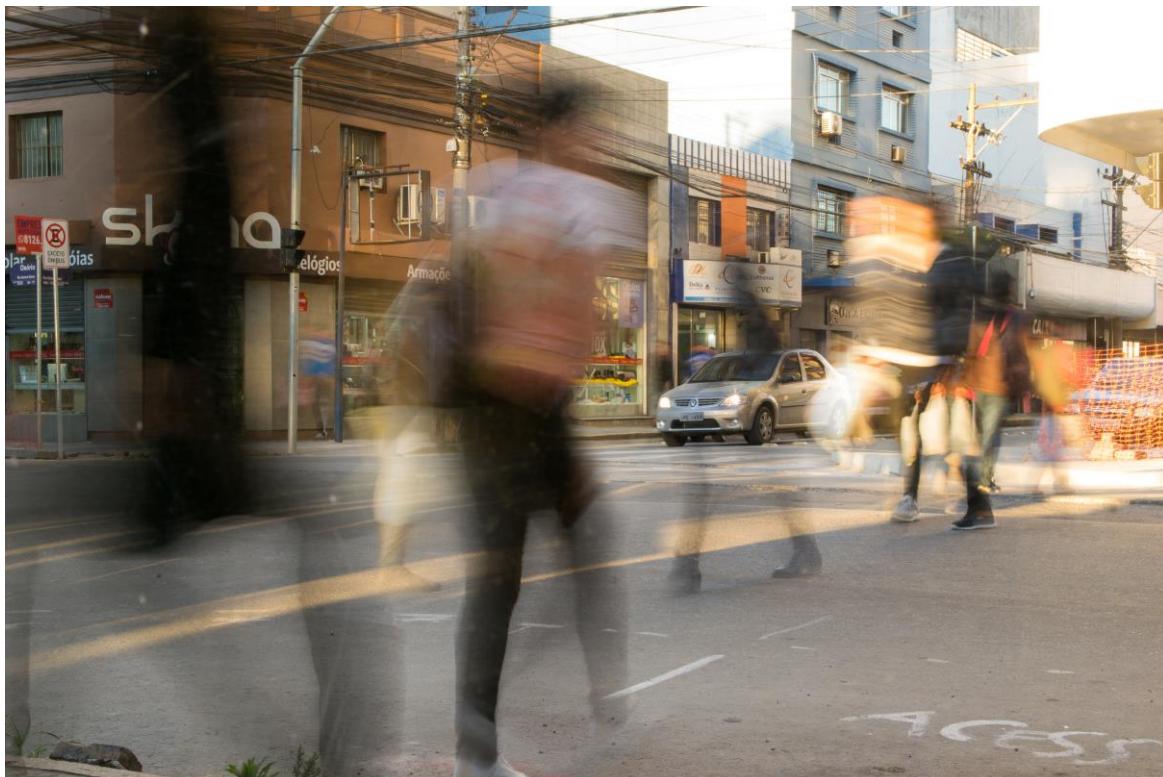


Figura 02 - Daniel Moura, sem título, Fotografia digital, 2017

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra do artista Euguène Atget serve como referencial artístico e um ponto de partida para pensar a cidade e seus habitantes. Atget fotografou a cidade de Paris no século XIX (Fig 03), mostrando em algumas imagens uma cidade em silêncio, raramente com presença de pessoas, pelo efeito de longa exposição das câmeras da época. Pretendo fazer o uso da longa exposição, mas não em minutos e sim em segundos, mostrando através do que está em movimento um rastro, desaceleração das pessoas que habitam a cidade que moro, assim como a vida cotidiana. Para falar de arte e cidade, procuro embasamento em Nelson Brissac Peixoto. O autor aborda, em *Paisagens Urbanas*, como redescobrir a cidade, fazendo surgir “paisagens urbanas que nos confrontam com o que não tem proporção, contornos nem fim” (2003, p.391). Também me apoio em Marc Auge, antropólogo, que define o que seria o não-lugar e aponta o tipo de relação que o passante trava com os espaços. Esses são alguns autores e artistas que servem de base inicial do projeto, para formar conceitos e reflexões sobre o tema.

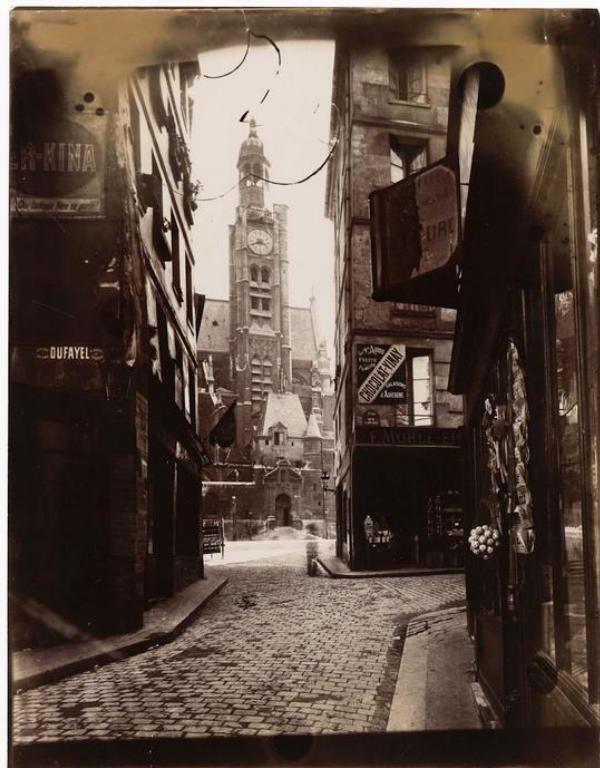


Figura 03 - Euguène Atget, Fotografia, Rue de la Montagne-Sainte-Genevieve, 1898. Fonte: International Center of Photography (ICP).

4. CONCLUSÕES

A pesquisa poética está no início e durante o mestrado irei buscar conceitos, teóricos e produções de artistas, que possam ajudar na produção das fotografias, na reflexão e nos questionamentos já realizados e que irão surgir ao longo da caminhada. Principalmente conceitos que norteiam o meu pensamento, como o aceleramento da vida cotidiana e o que nos leva a não perceber o espaço em que vivemos e nos torna simplesmente anestesiados em um fluxo de tempo em meio a cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

AUGÉ, M. Não-Lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994. 112p.

DUBOIS, P. O ato fotográfico e outros ensaios. 14º Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012. 362 p.

HACKING, J. Tudo sobre fotografia. Rio de Janeiro: Sextante, 2012. 576 p.

PEIXOTO, N. Paisagens Urbanas. São Paulo: Editora Senac, 2003. 436p.

REVELL, J. Exposição: De Simples Fotos a Grandes Imagens. 1 Edição. Rio de Janeiro, RJ: Editora Alta Books, 2012. 270p.

Documentos eletrônicos

EICHEMBERG, André Teruya; BARBIERI, Maria Júlia. Espaço e cotidiano: fluxos, redes, frequências. 1 grão = 1 ticket. Disponível em:<<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp242.asp>>. Acesso em 30 setembro. 2017.